

7 de julho de 1949

MEIO DE SEMANA

O trabalho do escultor em seu estúdio claro, as mãos agindo e o pensamento longe! O trabalho do pintor, não raro no meio oxigenado da paisagem, junto ao clamor do mar, sob o silêncio das árvores. Trabalhos de pequenos deuses que dominam conjuntos, supervisionam universos limitados, apanham, com um só golpe de vista, toda a extensão da coisa que estão criando. E aí está a grande vantagem dessa gente. Um ligeiro recuo, uma nova tomada de posição no espaço, a procura de uma diferente incidência da luz, e adquirem do trabalho em curso uma visão total sob a perspectiva nova. Não se cansam por isso com a mesma facilidade com que o construtor de romances tropeça desde o início, que este não possui o que seria necessário: retinas panorâmicas para ver em todos os espaços e sob o ângulo das diferentes placas do misterioso tempo.

Quem escreve uma novela, por pequena que seja, deve gastar os olhos na releitura, para ter sempre uma visão de conjunto imperfeita. Não como o pai do quadro que depois de algumas pinceladas recua e contempla o pôr-do-sol, a marinha, sem dúvida a velha ponte de pedra, às vezes a vela que foge no azul e as gaivotas que somem. Não é como o fatigado músculo que vai animando formas ainda desconhecidas na cinzenta argila. Pequeno criador de imóvel beleza que se fixou para sempre, e que pode examinar o conjunto do que está fazendo e ter a todo instante uma nítida idéia do curso de seu desejo criador, das modificações a realizar, dos volumes a subtrair ou acrescentar. Nem como a tela, nem como o volume do estúdio, as cores e os volumes do livro são elementos caprichosamente inapreensíveis para o autor infeliz. Se o escritor possuísse os olhos facetados como esses que cintilam na cabeça azul dos insetos, e cada plano desse cristal

captasse uma dimensão do universo, então talvez o trabalho de escrever as duzentas páginas de uma novela comum fosse semelhante ao do escultor que imagina mundos novos enquanto trabalha a realidade, do pintor que domina a cada instante a sua tela como o senhor da luz determinando as tonalidades do verde das gramas e das árvores, o coral do céu aceso, a cinza ou a transparência do azul das águas.

O mal do escritor é a dispersão fatal. Se ele pudesse realmente manejar os pincéis, como a gente fica a pensar quando lê referências aos realistas que carregaram nas tintas para pintar os costumes da sociedade de seu tempo, se eles pudessem fazer o que apenas existe na imagens dos críticos, então talvez o romance fosse fácil materialmente, como o quadro ou a estátua, ou melhor: seria um trabalho no qual o demônio da perversidade espacial e temporal não se teria metido para criar a fatigante dificuldade de uma visão de conjunto. O escritor suspenderia a tela na parede de seu gabinete, pintaria o primeiro capítulo, depois outro... recuaria um pouco e teria da obra essa necessária visão total, que nas labirínticas páginas datilografadas tanto engana, em aliança fraterna com a fadiga, a preguiça, o deixar como está para ver como fica...